

## A Estética da Recepção como estratégia de leitura em *The Happy Prince*

### *Reception Aesthetics as a reading strategy in The Happy Prince*

Evandro Rosa de Araújo<sup>1</sup>

#### RESUMO

Como enfatiza Araújo (2024), o ensino de Literaturas de Língua Inglesa nos cursos de Letras/Inglês torna-se importante devido às questões culturais, linguísticas, artísticas, vocabulares, etc., que estão atreladas às obras produzidas pelos artistas de expressão inglesa. Ao entrar em contato com os contos, romances, poemas, músicas, peças de teatro, etc., os estudantes conseguem perceber a cultura do outro e assim ampliar o repertório a partir dessas leituras que acontecem em diferentes níveis, como ressaltam Burgess (2000) e Chapman (2010). Vale ressaltar que, em alguns contextos, o ensino dessas literaturas acaba não sendo devidamente aproveitado pelos acadêmicos na profundidade que julgamos necessária. Em vista disso, este texto visa apresentar caminhos para o uso da Estética da Recepção no contexto de sala de aula. Para isso, foi utilizado o conto *The Happy Prince*, de Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, bem como os relatos de recepção de quatro alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) que aceitaram fazer parte da pesquisa. Ao finalizar o estudo, foi possível perceber que os alunos estavam mais motivados para a leitura das obras de expressão inglesa na citada disciplina.

**Palavras-chave:** recepção; literatura inglesa; ensino; conto.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura e Crítica Literária e doutor em Estudos Linguísticos aplicados ao ensino de Literaturas de Língua Inglesa Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia/GO. Professor de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiânia/GO,. E-mail: evandro.rj@ueg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1589-7944>.

## ABSTRACT

As emphasized by Araújo (2024), the teaching of English-language Literatures in Language and Literature/English programs is important due to the cultural, linguistic, artistic, and lexical aspects embedded in works produced by artists of English expression. By engaging with short stories, novels, poems, songs, plays, and other texts, students can perceive the culture of the other and thus broaden their repertoire through readings that occur at different levels, as highlighted by Burgess (2000) and Chapman (2010). It is worth noting that, in some contexts, the teaching of these literatures is not always fully explored by students to the depth considered necessary. Therefore, this paper aims to present pathways for applying Reception Aesthetics in the classroom context. For this purpose, Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde's short story *The Happy Prince* was used, along with reception reports from four students of the Language and Literature program at the State University of Goiás (UEG), who agreed to participate in this research. At the conclusion of the study, it was possible to observe that students were more motivated to read works of English expression in the discipline.

**Keywords:** reception; english literature; teaching; short story.

## 1 INTRODUÇÃO

Conforme pesquisas de Araújo (2024), o ensino de Literaturas de Língua Inglesa nos cursos de Letras/Inglês ou Letras Português/Inglês de diferentes universidades tem apresentado, em maior ou menor grau, dificuldades para motivar os alunos à leitura de textos literários escritos originalmente em língua inglesa. Esse fato torna pertinentes as discussões abordadas neste artigo, sobretudo ao considerar que as Literaturas de Língua Inglesa oferecem um campo fértil para a observação de aspectos culturais, linguísticos, artísticos e vocabulares presentes nas obras de autores oriundos de diferentes países. Por meio dessas produções literárias, é possível acessar múltiplas visões de mundo, revelando nuances identitárias e sociais que enriquecem o processo de leitura e interpretação.

Sob essa perspectiva, Cassany (2006, p. 25) afirma que “o significado se aloja no escrito. Ler é recuperar o valor semântico de cada palavra e relacioná-lo com o das palavras anteriores e posteriores”. Para o autor, o conteúdo de um texto emerge da soma dos significados de seus vocábulos e orações, sendo, portanto, único, estável, objetivo e independente dos leitores e das condições de leitura.

No entanto, conforme explicita Araújo (2020), ao se deparar com diferentes gêneros literários, como contos, romances, poemas, músicas, peças teatrais, entre outros, o estudante-leitor é convidado a realizar uma leitura crítica e comparativa entre culturas. Esse exercício permite não apenas o reconhecimento da alteridade, mas também a ampliação de seu repertório cultural e intelectual. Como destacam Bordini e Aguiar (1993), Collie e Slater (2007), Cosson (2021) e Durão e Cechinel (2022), o contato com obras literárias estrangeiras promove uma experiência enriquecedora, capaz de fomentar reflexões profundas sobre identidade, linguagem e sociedade.

Levando em consideração as muitas pesquisas desenvolvidas sobre o tema, vale ressaltar que, em alguns contextos, o ensino dessas literaturas acaba não sendo devidamente aproveitado pelos acadêmicos na profundidade que julgamos necessária. Com base nessa afirmativa, este artigo visa apresentar caminhos para o uso da Estética da Recepção no contexto de sala de aula.

Para isso, foi utilizado o conto *The Happy Prince*, de Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde, bem como os relatos de recepção de quatro alunos do curso de Letras da Universidade

Estadual de Goiás (UEG) que aceitaram fazer parte desta pesquisa. Ao finalizar o estudo, foi possível perceber que os alunos estavam mais motivados para a leitura das obras de expressão inglesa na citada disciplina.

Este artigo organiza-se em três seções. A seção 1 apresenta a Introdução. A segunda apresenta um panorama sobre o ensino de Literaturas de Língua Inglesa, com ênfase em questões metodológicas. A terceira seção aborda a Estética da Recepção e analisa aspectos do conto *The Happy Prince*, de Oscar Wilde. A quarta e última seção expõe os resultados da pesquisa, destacando as contribuições do estudo para o campo da leitura e para a prática pedagógica.

## 2 O ENSINO DE LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA E ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Como observa Bandeira de Melo Jr. (2019), o ensino de literaturas constitui objeto de ampla reflexão em diversos estudos acadêmicos, incluindo artigos, livros e ensaios. A teoria e a Crítica Literária aplicadas ao ensino da disciplina, por sua vez, problematizam o próprio termo “ensino”, ao considerar que a experiência literária demanda sensibilidade e subjetividade. Nesse horizonte, Araújo (2024) ressalta que a leitura se configura como um ato singular, atravessado pelas vivências, repertórios e estratégias interpretativas de cada indivíduo.

Refletir sobre o ensino de literatura implica buscar caminhos que favoreçam o envolvimento do leitor com o texto ficcional, promovendo o prazer estético e intelectual que autores como Barthes (2013), Beach (2000), Biber (1988) e Bleich (1975) defendem como essenciais à fruição literária.

Sob essa perspectiva, a escolha prévia de obras com base na suposição de que serão automaticamente apreciadas pelos alunos revela-se uma prática arriscada. Como enfatiza Araújo (2022a, 2022b, 2022c), tal abordagem pode desconsiderar a diversidade de interesses, experiências e horizontes de leitura presentes em sala de aula, comprometendo o potencial formativo e afetivo da literatura.

Com frequência, o professor de literatura, atendendo às exigências institucionais, seleciona, antes mesmo do início das aulas, alguns contos, romances, poemas e outros textos para trabalhar com turmas para as quais nunca lecionou.

Mesmo quando o professor já é veterano e acompanha esses alunos ao longo de alguns semestres, tal prática acaba se revelando um tanto autoritária, pois, como salienta Zilberman (1989), ninguém aprecia a leitura quando imposta.

O ideal é oferecer ao aluno certa liberdade de escolha, permitindo-lhe o contato com diferentes textos de um mesmo gênero. Contudo, para que essa escolha seja significativa no âmbito didático, é necessário estabelecer critérios orientadores, como a relevância temática para os objetivos da disciplina, o nível de complexidade linguística adequado ao estágio de aprendizagem e o potencial de cada obra para estimular a reflexão crítica. Deve-se ter cuidado para que a seleção não se reduza a uma decisão baseada apenas na preferência individual ou na intuição do estudante, mas se configure como uma prática pedagógica orientada, capaz de equilibrar a autonomia discente e a intencionalidade docente na construção da lista de leitura.

Partindo das considerações acima, e tendo em vista o ensino de Literaturas de Língua Inglesa, contexto em que o professor dessa disciplina espera encontrar alunos que tenham conhecimento de um vasto vocabulário da língua inglesa para leitura dos textos originais, a pergunta que fica é: será que os alunos conseguem apreciar essas narrativas escritas em outro idioma? E mais: será que os professores têm conseguido motivar os acadêmicos para essa difícil tarefa?

Considerando a experiência acumulada no ensino da disciplina, observa-se que, a cada ano, ingressam-se estudantes com perfis diferenciados. As técnicas de leitura e interpretação que se mostram eficazes em determinada turma raramente apresentam os mesmos resultados em outros grupos. Da mesma forma, textos apreciados por uma turma não são necessariamente valorizados por outra.

Teóricos como Tolentino (1999), Araújo (2016, 2021), Bandeira de Melo Jr. (2019), Araújo, Figueiredo e Lago (2023) têm pesquisado esse tema e são unânimes em afirmar que ensinar Literaturas de Língua Inglesa é um grande desafio, pois, além da preocupação com questões relativas à disciplina, o docente ainda precisa lidar com o desnível das turmas, já que muitos alunos chegam ao sétimo e oitavo períodos com pouca fluência no idioma, o que dificulta a leitura dos textos escritos em língua inglesa.

Ao se deparar com essa realidade, o professor da disciplina, em muitos casos, sente-se frustrado por não alcançar seus objetivos relativos à motivação para a leitura integral de obras indicadas pela ementa e outras que ele julga importantes para a formação do acadêmico. A

análise dessa questão evidencia que existem poucas pesquisas voltadas à problematização dos resultados da disciplina. Defende-se, nesse contexto, a possível utilização da Estética da Recepção como estratégia para motivar os estudantes à leitura das obras da literatura inglesa. Este artigo não tem como objetivo oferecer receitas prontas para a aplicação dos conteúdos, mas apresenta algumas abordagens que se mostraram eficazes no contexto de realização da pesquisa.

A sala de aula em que a pesquisa foi realizada era composta por quinze alunos; entretanto, serão utilizados apenas os dados de quatro (04) acadêmicos, em razão da extensão do texto. Os estudantes escolheram os pseudônimos William, Virginia, Charlotte e Mary, enquanto o professor da turma optou pelo pseudônimo Oscar. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concedendo plena autorização para a utilização dos dados gerados.

A pesquisa consistia na apresentação da teoria da Estética da Recepção aos alunos, seguida da leitura do texto *The Happy Prince*, de Oscar Wilde, originalmente escrito em língua inglesa. Após a leitura do conto, os alunos produziram uma apresentação em sala, usando os construtos da Estética da Recepção, expondo suas percepções sobre a narrativa lida. Trazemos aqui quatro percepções diferentes do mesmo conto.

Após o momento de socialização das leituras e reflexões, o professor realizou um apanhado das principais ideias emergentes, destacando a relevância da liberdade interpretativa no processo de leitura. Enfatizou que cada leitor, ao se deparar com um objeto artístico ou literário, mobiliza seus próprios horizontes de expectativa, repertórios culturais e experiências subjetivas, o que resulta em múltiplas interpretações possíveis para um mesmo texto.

Essa pluralidade interpretativa foi ressaltada à luz das contribuições teóricas de autores como Paul Zumthor (2000), que discute a dimensão performática e efêmera da recepção textual; Zilberman (1989), ao abordar o papel ativo do leitor na construção de sentido; e H.G. Widdowson (2000), que defende a ideia de que o significado não está fixado no texto, mas emerge da interação entre texto e leitor. Tais perspectivas reforçam a noção de que o ato de ler não é um exercício de decodificação passiva, mas uma prática dinâmica de negociação de sentidos.

Ao reconhecer e valorizar a diversidade de leituras, o professor não apenas legitimou as interpretações dos alunos, mas também os incentivou a assumir uma postura crítica e criativa

diante dos textos. Essa abordagem contribuiu para a formação de leitores mais autônomos, capazes de dialogar com diferentes discursos e de construir significados próprios a partir de suas vivências e contextos. Os dados gerados serviram como exemplo para compreender a aplicação da Estética da Recepção em aulas de Literaturas de Língua Inglesa. Nesse sentido, apoiamo-nos nos postulados de Denzin e Lincoln (2003) e Gil (2002) acerca da geração e da análise de dados, os quais destacam que pesquisas qualitativas devem ser desenvolvidas em ambientes o mais naturalísticos possível, sem interferências do pesquisador, a fim de evitar distorções nos dados reais.

### 3 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O OBJETO DA PESQUISA

Com base nos construtos de Eagleton (2006), Gadamer (2004), Freund (2000), e Gumbrecht (2000) e Fischer (1987), consideramos neste artigo a importância do leitor no processo de leitura e interpretação da obra literária. Dessa forma, ao revisitar os pilares da Estética da Recepção presentes em Hardwick (2003), Ingarden (1998), Iser (1995, 2000) e Jauss (1998, 2000, 2002, 2011, 2019), cujas reflexões apontam que esta área de estudos é relativamente nova, mas tem gerado diferentes pesquisas que buscam aplicar seus construtos a inúmeros contextos de leitura e interpretação da obra artística, foi possível pensar em uma metodologia de trabalho para o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa menos prescritiva, afastando-se da forma clássica da representação fixa e considerando diferentes olhares para um mesmo objeto.

A abordagem da Estética da Recepção adotada neste artigo está voltada para o objeto artístico, tendo como principal precursor Hans Robert Jauss, acompanhado por outros estudiosos cujas pesquisas dialogam com os fundamentos por ele estabelecidos. Conforme salientam Araújo (2020, 2024), Hardwick (2003) e Ingarden (1998), essa perspectiva teórica parte do pressuposto de que a leitura só se efetiva na presença de um leitor. Ao entrar em contato com um texto, o sujeito mobiliza seus horizontes de expectativa e atribui significados à obra a partir de suas vivências e experiências prévias de leitura.

Nesse movimento interpretativo, torna-se improvável que o leitor acesse integralmente as intenções originais do autor em relação à narrativa construída. Ademais, o próprio autor, ao reler sua produção em outro momento, pode elaborar compreensões distintas daquelas

concebidas no instante da escrita, evidenciando o caráter dinâmico e plural da interpretação literária.

Como observa Candido (1976), o tempo exerce influência decisiva sobre nossa forma de perceber e interpretar a realidade. Nesse sentido, as múltiplas leituras de uma obra artística devem ser reconhecidas e valorizadas, pois cada interpretação emerge das condições históricas, culturais e subjetivas de quem lê. Assim, todo leitor mobiliza seus próprios referenciais, experiências e sensibilidades, construindo sentidos singulares diante do objeto estético.

### 3.1 Revendo os dados à luz das teorias

Ao realizar as aulas em sala com os alunos do sétimo período do curso de Letras Português/Inglês, foram utilizados os desdobramentos da Estética da Recepção para leitura e análise do conto *The Happy Prince*, de Oscar Wilde.

**Figura 1** - Capas do livro de contos de Oscar Wilde



Fonte: Google imagens

Como afirmam Ellmann (2014), Raby (1997) e McDiarmid (1990), o conto *The Happy Prince* figura entre os mais emblemáticos e apreciados da coletânea publicada por Oscar Wilde, intitulada *The Happy Prince and Other Tales*, lançada originalmente em 1888. Embora estruturado com aparente simplicidade narrativa, o conto revela uma sofisticada tessitura

simbólica e metafórica, por meio da qual o autor realiza críticas contundentes às desigualdades sociais e à indiferença das elites ao sofrimento dos marginalizados.

Segundo McDiarmid (1990), a decisão de Oscar Wilde de intitular toda a coletânea com o nome deste conto revela um cuidado especial em sua elaboração, conferindo-lhe um papel de destaque no conjunto da obra. Essa escolha pode ser interpretada como um indicativo da importância temática e estética que o autor atribuiu à narrativa, cuja sensibilidade e profundidade moral ultrapassam os limites do universo infantil, alcançando reflexões éticas e sociais de notável densidade.

Essa historicidade do objeto literário é importante, conforme explicita Ellmann (2014), para reconstruirmos alguns traços da sobrevivência do texto e, com isso, tentarmos compreender as razões que contribuem para a leitura de uma narrativa escrita há tantos anos. Observando diferentes publicações, pode-se perceber a autenticidade do discurso de Oscar Wilde e verificar se as edições modernas sofreram algum tipo de alteração para atender ao público contemporâneo. Pelo que se constatou, até mesmo as versões mais recentes do texto, traduzidas para outros idiomas, procuram preservar o discurso original do autor.

Segundo Raby (1997), tais reflexões são fundamentais para compreender a postura crítica e cuidadosa do professor na disciplina de Literaturas de Língua Inglesa. À luz dessas considerações, destaca-se o relato do docente pesquisado, que, ao longo de mais de duas décadas de atuação, tem se empenhado em proporcionar aos acadêmicos um contato o mais direto e fiel possível com os textos literários originais. Em uma de suas entrevistas, o professor Oscar chama atenção para os riscos inerentes ao uso de textos adaptados, resumos de obras ou traduções de baixa qualidade, enfatizando a importância de preservar a integridade estética e linguística das produções literárias.

Bem, sou professor dessa disciplina há mais de 20 anos e venho aprimorando minha prática ao longo desse tempo. Uma das coisas que aprendi ao ler diferentes teorias é que devemos ser criteriosos ao trabalhar com diferentes narrativas, pois nenhum texto é produzido por um autor completamente alheio a um segmento ou ideologia. Dessa forma, ao fragmentar um texto literário, corremos o risco de não expressar verdadeiramente o que o autor deseja transmitir com sua obra (Relato de Oscar).

Essa fala revela uma preocupação legítima com a integridade da obra literária e com o respeito à intenção autoral. O professor destaca que versões simplificadas ou mal traduzidas podem ocultar nuances importantes da narrativa, sintetizar excessivamente o conteúdo e, em

alguns casos, inserir conceitos ou ideias que não pertencem ao texto original. Esse tipo de alteração compromete não apenas a compreensão da obra, mas também a experiência estética e interpretativa do leitor.

Nesse contexto, o professor se posiciona firmemente contra o uso indiscriminado de adaptações ou resumos, defendendo que o ensino da literatura deve respeitar os preceitos da Estética da Recepção. Essa abordagem, conforme salientam teóricos como Showalter (2019) e Schücking (1996), valoriza a leitura como um processo ativo, em que o leitor interage com o texto e constrói sentidos a partir de sua própria experiência. Para que essa interação seja autêntica, é fundamental que o texto mantenha sua forma original, livre de interferências que possam direcionar ou limitar a interpretação.

Em síntese, a prática pedagógica adotada pelo professor da UEG revela um compromisso sólido com a formação de leitores críticos, sensíveis e autônomos, capazes de dialogar com a literatura em toda a sua complexidade. Ao valorizar o uso de textos originais, o docente reafirma a importância de uma leitura profunda, honesta e respeitosa, que preserve a autenticidade da voz autoral e, ao mesmo tempo, promova a liberdade interpretativa do leitor. Essa abordagem não apenas estimula o envolvimento intelectual dos estudantes, mas também favorece o desenvolvimento de uma postura reflexiva diante das obras literárias.

Na sequência, fundamentados nos aportes teóricos de Mueller-Vollmer (2000), Richards (1997), Rosenblatt (2000), Showalter (2019) e Schücking (1996), entre outros, apresentamos relatos de acadêmicos participantes da pesquisa que ilustram, de maneira concreta, os benefícios de uma leitura orientada pelos princípios da Estética da Recepção. Esses depoimentos evidenciam como o ato de ler pode se configurar como uma experiência profundamente significativa e transformadora, sobretudo quando o leitor é instigado a assumir um papel ativo na construção de sentidos, mobilizando seus horizontes de expectativa e suas vivências pessoais.

O relato do acadêmico William, fundamentado nas teorias de Rosenblatt (2000) e Showalter (2019), revela como a leitura de *The Happy Prince*, sob a ótica da Estética da Recepção, pode se tornar uma experiência transformadora. Ao construir imagens mentais e ampliar seu repertório interpretativo, o acadêmico William demonstra que a leitura literária, quando vivenciada de forma dialógica e aberta, transcende o ato de decodificação textual. Ele estabelece conexões significativas entre a obra de Oscar Wilde e outras leituras prévias, como

*O Pequeno Príncipe*, evidenciando um processo de leitura que mobiliza afetos, memórias e valores pessoais.

Seu depoimento ilustra com sensibilidade o papel ativo do leitor na recriação do texto:

Devo confessar que a leitura de *The Happy Prince*, de Oscar Wilde, foi bastante enriquecedora. Fui além do que estava acostumado ao ler obras desse tipo, pois construí minhas próprias imagens e consegui relacionar a narrativa com outros livros que já havia lido, como *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Percebi que ambas as histórias compartilham um traço comum: a bondade. Essa liberdade de interpretação, sem estar preso a um roteiro de leitura, é algo maravilhoso (Relato de William).

A referência à bondade como elemento comum entre as obras revela não apenas uma leitura temática, mas uma postura ética diante do texto, que se alinha à proposta de Rosenblatt (2000) sobre a leitura como transação entre leitor e obra. William não apenas lê, mas dialoga com o texto, atribuindo-lhe sentidos que emergem de sua subjetividade e de seu repertório cultural.

Já Virginia, amparada nas concepções de Fischer (1987), Fish (1987), Freund (2000), Gadamer (2004) e Gumbrecht (2000), vivencia a leitura de *The Happy Prince* como uma experiência estética e interpretativa singular. A metodologia proposta pelo professor Oscar, ao incentivar uma leitura crítica e participativa, permite que Virginia explore os chamados “espaços de indeterminação” da narrativa. Sua capacidade de preencher lacunas textuais com hipóteses e projeções evidencia uma leitura criativa e engajada, que ultrapassa os limites do texto e se conecta com questões sociais contemporâneas. Ela compartilha:

Ao receber a indicação do professor Oscar para ler esse conto, fiquei animada, pois gosto de leituras curtas, e as obras de Oscar Wilde são sempre cheias de curiosidades. Um aspecto que devo ressaltar é a possibilidade de preencher os espaços vazios presentes nesse conto. Sendo uma narrativa protagonizada por uma estátua localizada no centro de uma praça, fiquei pensando em quantas outras histórias esse príncipe não teria ouvido, e como ele lidava com aquelas para as quais não tinha condições de ajudar. Ao final do conto, imaginei como seria a continuidade da história e percebi que muitos dos fatos narrados ainda se apresentam na atualidade (Relato de Virginia).

O depoimento de Virginia exemplifica com clareza o princípio hermenêutico da Estética da Recepção: o leitor como coautor do texto. Ao imaginar desdobramentos da narrativa e refletir sobre sua atualidade, Virginia não apenas interpreta, mas ressignifica a obra, atribuindo-lhe

novos sentidos a partir de sua experiência pessoal e de sua percepção crítica da realidade. Sua leitura revela uma consciência social aguçada, ao identificar no conto temas como desigualdade e indiferença, que permanecem relevantes no contexto contemporâneo.

Ambos os relatos demonstram como a leitura literária, quando mediada por abordagens teóricas que valorizam a subjetividade do leitor, pode se tornar um espaço de construção de sentido, de diálogo com o mundo e de formação ética e estética. William e Virginia não apenas leram *The Happy Prince*, mas o viveram, o recriaram e o tornaram parte de suas trajetórias interpretativas.

Sob uma perspectiva distinta, alinhada às concepções de Gadamer (2004) e Gumbrecht (2000), Charlotte vivenciou a leitura de *The Happy Prince* como um exercício de liberdade interpretativa, em consonância com os fundamentos da Estética da Recepção. Para ela, o conto não se limitou a uma narrativa ficcional, mas funcionou como um espelho crítico das condições sociais ainda vigentes em nossa realidade. Sua leitura, marcada pela abertura ao diálogo entre texto e contexto, permitiu-lhe reconhecer na obra de Wilde uma denúncia sutil, porém contundente, das desigualdades e da indiferença que atravessam o tempo.

Em seu depoimento, Charlotte afirma:

Ao ler o conto *The Happy Prince*, eu pude observar o quanto a sociedade dos tempos de Oscar Wilde, comparada à dos dias de hoje, pouco mudou. Não estou falando de avanços tecnológicos, mas das condições de vida das pessoas. Ainda hoje, temos um forte egoísmo arraigado em nosso meio; existem muitas pessoas que passam fome, e poucas pessoas como esse príncipe, que tentam ajudar o próximo. Acho que esse aspecto é importante que o leitor contemporâneo observe, pois, embora tenhamos grandes avanços na ciência, poucos são capazes de usufruir verdadeiramente desses avanços (Relato de Charlotte).

A fala de Charlotte revela uma leitura profundamente engajada, que ultrapassa os limites da estética textual para alcançar uma dimensão ética e social. Ao comparar o cenário retratado por Wilde com a realidade atual, ela realiza uma leitura diacrônica, identificando a permanência de estruturas excludentes e de comportamentos marcados pelo egoísmo. Sua observação sobre os avanços científicos que não beneficiam a todos demonstra uma consciência crítica aguçada, que reconhece na literatura um espaço legítimo para a reflexão sobre a justiça social e a empatia.

Mais do que interpretar, Charlotte interage com o texto, questiona-o e atualiza-o, atribuindo-lhe novos significados a partir de sua vivência e percepção do mundo. Essa postura

está em plena consonância com os pressupostos da Estética da Recepção, que reconhece o leitor como cocriador de sentidos, capaz de preencher lacunas, projetar desdobramentos e estabelecer conexões entre ficção e realidade. Ao se apropriar da obra com sensibilidade e criticidade, Charlotte transforma a leitura em uma experiência de conscientização e de posicionamento ético diante das injustiças que persistem em nossa sociedade.

Nesse mesmo horizonte interpretativo, os relatos de Virginia e Charlotte ilustram como a leitura mediada por uma abordagem estética e reflexiva pode promover não apenas o encantamento com a linguagem e a narrativa, mas também o despertar para questões éticas, sociais e humanas que atravessam o tempo e continuam a interpelar o leitor contemporâneo. Ambas demonstram que, ao preencher lacunas, projetar desdobramentos e estabelecer conexões com o mundo real, o leitor se apropria da obra de maneira singular, tornando a experiência literária mais significativa e transformadora.

Já a acadêmica Mary, ao se apoiar nos preceitos de Fish (1987) e Freund (2000), acrescenta uma dimensão importante ao debate, ao enfatizar a liberdade interpretativa como condição para o envolvimento genuíno com o texto. Seu depoimento revela como práticas escolares rígidas, pautadas por fichas e manuais, podem limitar a expressão do leitor e comprometer o prazer da leitura. Ao ser convidada a ler *The Happy Prince* sem imposições interpretativas, Mary experimenta a literatura como espaço de autonomia, criatividade e reconhecimento subjetivo:

Em outros tempos, eu sempre fiz leituras de diferentes textos para fins específicos. Na verdade, o professor querendo direcionar a leitura e ouvir aquilo que o manual trazia como “certo”, certamente procedia dessa forma, e eu sempre acabava frustrada, pois não conseguia mostrar o que eu realmente queria. Muitas vezes tentei mostrar meu ponto de vista, mas, devido à ficha de leitura, eu quase nunca conseguia; mas, com o professor Oscar, lendo *The Happy Prince*, de Oscar Wilde, eu pude tirar minhas próprias conclusões e consegui entender a história por meio de meus conhecimentos; e, ao mostrar isso em sala, foi libertador (Relato de Mary).

O relato de Mary evidencia, de forma contundente, a transição de uma prática pedagógica centrada na imposição de leituras normativas para uma abordagem que valoriza a autonomia interpretativa do estudante. Ao narrar sua frustração diante de atividades que restringiam sua voz crítica por meio de fichas de leitura padronizadas, Mary revela como tais práticas limitavam a experiência estética e a possibilidade de construção de sentidos pessoais.

Em contraste, a experiência vivida com o professor Oscar, ao ler *The Happy Prince*, de Oscar Wilde, marca um ponto de inflexão, pois, ao ser encorajada a elaborar suas próprias conclusões, ela pôde mobilizar seus conhecimentos prévios e vivências, experimentando a literatura como espaço de liberdade e expressão subjetiva. Esse testemunho ilustra, portanto, a relevância de uma pedagogia da leitura que reconhece o leitor como sujeito ativo na produção de significados, resgatando o prazer da leitura e fortalecendo o vínculo entre leitor e texto.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao incorporar os princípios da Estética da Recepção, como sugerem Kojecy (2011), Lima, L. (1979) e Lima, G. (1996), nas aulas de Literaturas de Língua Inglesa, tanto o professor quanto os acadêmicos demonstraram um entusiasmo renovado diante da possibilidade de explorar novas experiências com diferentes narrativas. Conforme evidenciado na seção de análise dos dados, os participantes da pesquisa compreenderam que a leitura de um texto literário não se limita a uma única interpretação, mas se abre a múltiplas possibilidades, dependendo dos horizontes de expectativa de cada leitor.

A leitura do conto *The Happy Prince*, de Oscar Wilde, revelou-se especialmente frutífera nesse contexto. Ao analisá-lo sob a perspectiva dos construtos da Estética da Recepção, os alunos foram capazes de identificar diversas conotações e significados subjacentes à obra, indo além de uma compreensão superficial. Em vez de buscar uma resposta definitiva ou uma interpretação “correta”, eles construíram sentidos próprios, ancorados em suas vivências, repertórios culturais e expectativas individuais.

Essa postura ativa diante do texto literário, conforme destaca Freire (1996), transcende o ato mecânico de decodificação e transforma a leitura em um exercício de liberdade, consciência e construção de sentido. Ao assumir o papel de sujeito do processo interpretativo, o leitor torna-se protagonista da experiência estética, o que não apenas enriquece a leitura, mas também amplia sua capacidade de reflexão crítica.

Nesse contexto, o professor, ao observar o envolvimento dos alunos e a riqueza das interpretações emergentes, sentiu-se motivado a expandir o uso dos preceitos da Estética da Recepção para outras disciplinas e obras. A abordagem revelou-se especialmente eficaz para estimular o pensamento crítico, promover a autonomia interpretativa e favorecer o diálogo entre

diferentes perspectivas, valorizando a diversidade de leituras como expressão legítima da subjetividade de cada leitor.

Ao romper com modelos tradicionais de ensino que privilegiam respostas únicas e interpretações canônicas, essa metodologia reafirma a literatura como espaço de pluralidade, capaz de acolher múltiplas vozes e experiências. Nesse horizonte, a Estética da Recepção não apenas amplia as possibilidades do processo de ensino-aprendizagem, mas também contribui para a formação de leitores mais conscientes, sensíveis e engajados com o mundo que os cerca.

Os resultados da pesquisa permitem afirmar que a Estética da Recepção se configura como uma alternativa pedagógica importante para o ensino de literatura, promovendo não apenas a compreensão e análise dos textos, mas também incentivando a leitura e a releitura de diferentes objetos artísticos sob uma ótica plural e dinâmica. Ao valorizar o papel ativo do leitor, essa abordagem fortalece a dimensão crítica e reflexiva da experiência literária, formando sujeitos capazes de dialogar com o universo estético de maneira autônoma e significativa.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Evandro Rosa de. As contribuições da Literatura no Ensino de Língua Inglesa. In: ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA (ENFOPLE), 12., 2016, Inhumas. **Anais [...]**. Inhumas, 2016. p. 91-107.

ARAÚJO, Evandro Rosa de. Aspectos teóricos e práticos dos termos interculturalidade e interculturality. **Democratizar**, v. 14, p. 3-12, 2021.

ARAÚJO, Evandro Rosa de. **As facetas do romance: aspectos de tradição e renovação na narrativa literária**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.958220609>.

ARAÚJO, Evandro Rosa de. Literaturas em língua inglesa: aspectos de subjetividades, identidades, interação e colaboração em sala de aula. **Democratizar**, v. 15, p. 34-51, 2022b.

ARAÚJO, Evandro Rosa de. O ensino de língua inglesa à luz da cultura e da interculturalidade. **REIVA – Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia**, v. 5, p. 1-19, 2022c.

ARAÚJO, Evandro Rosa de. Estética literária inglesa: os elementos artísticos constituintes da épica medieval em Beowulf. **REIVA – Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia**, v. 3, p. 1-18, 2020.

ARAÚJO, Evandro Rosa de. A receptividade do poema To Helen, de Edgar Allan Poe: desafios e perspectivas para o ensino de Literaturas de Língua Inglesa. **SAPIENS – Revista de**

**Divulgação Científica**, v. 5, n. 2, p. 7-31, 2024. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/8020>. Acesso em: 30 maio 2024.

ARAÚJO, Evandro Rosa de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de; LAGO, Neuda Alves do. Literature and collaboration in the English language classroom in pandemic times. **Signótica**, v. 35, e74776, p. 1-28, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v35.74776>.

BANDEIRA DE MELO JR., Osvaldo Martins. Ensino de literatura em Língua Inglesa: um diálogo com propostas metodológicas com base na Análise Dialógica da Literatura. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 8, n. 3, p. 222-246, set. 2019.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BEACH, Richard. **A teacher's introduction to reader-response theories**. Urbana, IL: National Council of Teachers of English, 1993.

BIBER, Douglas. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BLEICH, David. **Readings and feelings: an introduction to subjective criticism**. Urbana, IL: National Council of Teachers of English, 1975.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BURGESS, Anthony. **English literature**. New York: Longman, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CASSANY, Daniel. **Tras las líneas: sobre la lectura contemporánea**. Barcelona: Anagrama, 2006.

CHAPMAN, Raymond. **Linguistics and literature: an introduction to literary stylistics**. London: Edward Arnold, 1973.

COLLIE, Joanne; SLATER, Stephen. **Literature in the language classroom: a resource book of ideas and activities**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (ed.). **Strategies of qualitative inquiry**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003. p. 1-45.

DURÃO, Fabio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento**. São Paulo: Parábola, 2022.

- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ELLMANN, Richard. **Oscar Wilde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- FISH, Stanley. **Is there a text in this class?: the authority of interpretive communities**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREUND, Elizabeth. **The return of the reader: reader-response criticism**. London: Methuen, 1987.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Literatura e o leitor**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HARDWICK, Lorna. **Reception studies**. Oxford: Oxford University Press, 2003. (Greece & Rome: New Surveys in the Classics, n. 33).
- INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.
- ISER, Wolfgang. **The implied reader: patterns of communication in prose fiction from Bunyan to Beckett**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 2000.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 85-103.
- JAUSS, Hans Robert. **Toward an aesthetic of reception**. Tradução de Timothy Bahti. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.
- KOJECKY, Roger. **T. S. Eliot's social criticism**. London: Faber and Faber, 1971.

LIMA, Geraldo Ferreira de. The Tempest: reafirmação do colonialismo inglês. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 14, p. 79-93, 1996.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

McDIARMID, Lucy. **Oscar Wilde and the art of lying**. New York: Oxford University Press, 1990.

MUELLER-VOLLMER, Kurt (ed.). **The hermeneutics reader: texts of the German tradition from the Enlightenment to the present**. New York: Continuum, 1985.

RABY, Peter (org.). **The Cambridge companion to Oscar Wilde**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RICHARDS, Ivor Armstrong. **A prática da crítica literária**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

ROSENBLATT, Louise Michelle. **The reader, the text, the poem: the transactional theory of the literary work**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1978.

SCHÜCKING, Levin Ludwig. **The sociology of literary taste**. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

SHOWALTER, Elaine. **Teaching literature**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003.

TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes de. O texto literário no ensino de Língua Inglesa. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (org.). **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências**. Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 177-199.

WIDDOWSON, Henry George. **Stylistics and the teaching of literature**. London: Longman, 1990.

WILDE, Oscar Fingal O'Flahertie Wills. **The Happy Prince and Other Tales**. London: David Nutt, 1888.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

Recebido em: **16/10/2025**

Aprovado em: **29/05/2026**